

ESPAÇOS DE FLUXOS NA PERIFERIA: PENSANDO AS NOVAS ARTICULAÇÕES ESPACIAIS NA BAIXADA FLUMINENSE- RJ

Patrícia Matias de Oliveira

Filiação institucional: Doutoranda em Geografia (UFRJ)

E-mail: patricia_matias@hotmail.com.br

Marcelo Loura de Moraes

Filiação institucional: Doutorando em Geografia (UFRJ)

E-mail: marcelomoraes.geo@gmail.com

RESUMO:

A região da Baixada Fluminense compõe uma das maiores aglomerações da rede urbana brasileira, a metrópole do Rio de Janeiro. Trata-se de uma região periférica que, a partir dos anos 1990, passa a ser percebida como espaço de produção/consumo no qual se desenvolve também o “consumo do espaço”. Este trabalho pretende contribuir para desconstruir a visão clássica de periferia urbana na qual, são espaços homogêneos, apresentando algumas características que complexificam esses espaços. Para isso trabalharemos com dados relacionados à presença de sedes empresariais e capacidade de atração de filiais, privilegiando as articulações no território. Além de identificar a oferta de serviços classificados como avançados. Por meio de revisão bibliográfica e análise de dados fornecidos pelo IBGE no estudo “Redes e Fluxos do território: Gestão do território” (2014), verificou-se elementos que confirmam uma ressignificação da função da periferia urbana.

Palavras-chave: Centralidades periféricas, espaços de fluxos, serviços avançados;

GT – “04”: “Economia urbana, trabalho, comércio e consumo

INTRODUÇÃO

No livro “A sociedade em rede”, Castells (2013) discute a nova tendência espacial baseada em um novo paradigma tecnológico que transforma os padrões de localização das principais atividades econômicas, é o surgimento do “espaço de fluxos”. Segundo o autor, as práticas sociais predominantes na era da informação não dependem mais somente da contiguidade física, sendo assim, a sociedade constitui-se agora em torno de fluxos de capitais, informação, tecnologia, interação organizacional, imagens, sons e símbolos. Estes não representam apenas um elemento da organização social, mas são a expressão dos processos que dominam nossa vida econômica, política e simbólica (Ibid., p. 494).

Castells (2013, p. 465) também destaca que a economia global/informacional é organizada em torno de centros de controle e comando, nos quais encontram-se os chamados serviços avançados (finanças, consultorias, coleta de informações e gerenciamento de sistemas de informação, P&D e inovação científica etc.). Obviamente tem havido uma concentração espacial da camada superior dessas atividades em centros nodais de alguns países. Tal concentração segue uma hierarquia entre as camadas dos centros urbanos com funções de nível mais alto, tanto em termos de poder quanto de qualificação, e está localizada em algumas importantes áreas metropolitanas (Ibid., p. 465). Enquanto isso nas periferias, áreas metropolitanas menores, regiões e países menos desenvolvidos se espalham e descentralizam o setor de serviços em geral (Ibid., p. 471).

Saskia Sassen no livro *The Global City* (1991) se aprofunda na análise das transformações na composição da economia global e sua geografia. Segundo a autora, foi produzida uma dualidade complexa: uma organização da atividade econômica espacialmente dispersa, mas globalmente integrada, na qual alguns locais específicos exercem controle geográfico na ordem econômica internacional. Sendo assim, algumas cidades teriam um papel estratégico nessa nova forma de acumulação baseada em finanças e globalização, sendo responsáveis pela maioria dos fluxos e transações internacionais (SASSEN, 1991, p. 323).

Veltz (1994, p.200) segue caminho analítico semelhante, ao afirmar que a principal consequência geográfica da transição para o pós-fordismo é a transformação do “território-zona” para o “território em rede”, nessa mudança “o lugar ocupado por uma cidade nas redes de troca e produção, tornam-se mais importantes do que suas relações de vizinhança” (VELTZ, 1994, p. 200). Ou seja, ocorre uma separação entre as trajetórias econômicas de uma cidade

com as suas regiões circundantes, nessa nova tendência de organização produtiva o modelo centro-periferia se complexifica, e observamos um duplo movimento de descentralização industrial e centralização econômica. As mudanças técnico-organizacionais iniciadas nos anos 1970 e 1980 permitiram a transição de uma estrutura de organização produtiva piramidal a uma estrutura em rede descentralizada e “geograficamente estilhaçada” (Ibid, p. 196).

Ao analisar as importantes mudanças recentes metropolitanas no Rio de Janeiro, Davidovich (2000, p.15) determina que estas transformações são decorrência direta do processo de reestruturação produtiva global. Essa região que historicamente foi marcada por um altíssimo índice de concentração espacial, constituindo-se um território macrocefálico, concentrador de população, atividades e recursos, vem respondendo às novas necessidades da globalização que obriga aos territórios adotar um padrão de competitividade buscando fluidez e circulação.

A necessidade de atender às pressões de competitividade impostas pela globalização, junto ao potencial de mercado da Baixada Fluminense – que concentra cerca de 2.7 milhões de habitantes, transformaram essa região em um local atrativo para investimentos. A região metropolitana passa, portanto, por uma transição. O núcleo metropolitano consolida-se como um “nó” de articulação de uma economia internacionalizada, enquanto isso, o processo de desconcentração produtiva, induz novas centralidades na periferia metropolitana, formando espaços periféricos mais heterogêneos. Estaríamos diante de uma nova setorização da Região metropolitana do Rio de Janeiro (DAVIDOVICH, 2001).

Rocha (2015) ao explicar o processo de reestruturação econômica em curso na Baixada Fluminense, o define como uma mescla complexa de continuidade e mudança. São várias as evidências das mudanças urbanas e territoriais: a construção do Arco Metropolitano, que expressa a consolidação da região como um vetor logístico e industrial; a expansão de um novo padrão de consumo a partir dos *shopping centers*; a mudança na realidade econômica de municípios como Nova Iguaçu, Duque de Caxias e Belford Roxo que passaram por um “boom imobiliário” de apart-hotéis e centros comerciais. Até mesmo uma nova identidade regional é buscada pelas administrações municipais que tentam “apagar” seu passado vinculado a grupos de extermínio utilizando-se de retóricas frequentes que mencionam a região como novo polo de investimentos.

Sob a perspectiva que o modelo dicotômico (centro-periferia) é insuficiente para interpretar a metrópole contemporânea, objetivamos compreender como ocorre esse processo de espraiamento de valorização do espaço e consumo do espaço em direção à periferia da metrópole, permitindo a constituição de centralidades na periferia. Esse é justamente um dos traços essenciais para se discutir novas relações entre centro e periferia. Sposito (2004, p. 305) menciona uma complexificação da estrutura urbana, na medida em que esses subespaços se articulam, sobrepõem-se e se substituem “[...] gerando o aparecimento de ‘periferias’ no centro e ‘centralidades’ na periferia”. Segundo a autora, esse processo de reprodução espacial reforça a hierarquia entre os lugares evidenciando suas contradições (Ibid., p. 306). Trata-se de uma das faces do mecanismo de “implosão-explosão” abordado por Lefebvre (1999), no qual uma centralidade, uma vez estabelecida, está destinada a sofrer dispersão, dissolver-se ou explodir.

Estamos diante de um movimento que produz fragmentação espacial, dessa maneira, ao “explodir” a cidade se concretiza através de novas formas, estruturas e funções. Carlos (2017, p. 164) indica que a consequência disso na metrópole é sua polinucleação, assim, enquanto essa aglomeração se expande, pulveriza o centro criando subcentros especializados, monofuncionais. Logo, “[...] áreas imensas ganham novo valor de uso e, conseqüentemente, valor de troca” (Ibid., p. 165).

No presente trabalho, pretende-se contribuir para desconstruir a visão clássica de periferia como espaços homogêneos, apresentando algumas características que lhe trazem complexidade como: a presença de sedes empresariais e filiais, a chegada de alguns equipamentos de consumo como *shopping centers*, serviços especializados como agências bancárias exclusivas, além de identificar a oferta de serviços classificados como “avançados”. Primeiramente iremos discutir as mudanças recentes na Baixada Fluminense e logo depois apresentaremos a análise de dados coletados, principalmente por meio do estudo “Redes e Fluxos do território: Gestão do território” (IBGE, 2014), o objetivo é compreender as articulações territoriais que a região mantém.

2- AS MUDANÇAS EM CURSO NA PERIFERIA METROPOLITANA-RJ: UMA NOVA BAIXADA?

No estudo clássico sobre a absorção de Nova Iguaçu à célula urbana do Rio de Janeiro, Segada Soares (1962), já detectava que a Região Metropolitana vivenciava uma nova fase de

desenvolvimento urbano, onde as regiões pantanosas da Baixada, anteriormente marcadas pelo predomínio da paisagem rural, e isoladas do núcleo metropolitano, passam a ser incorporadas à lógica metropolitana como local de moradia da classe trabalhadora. De imensas propriedades rurais que exportavam laranjas para o resto do Brasil e para o exterior, a paisagem da Baixada Fluminense passa a ser dominada pelos loteamentos populares que agora acompanham a rede ferroviária fluminense. Essa integração foi possível a partir de fatores como: a política de saneamento da região pelo DNOS (Departamento Nacional de Obras de Saneamento), a presença de antigas vias de comunicação que facilitaram a expansão urbana e a sua posição geográfica privilegiada contígua a metrópole (SEGADA SOARES, 1962). A formação desse subúrbio periférico alimentou um dinamismo próprio, onde outras funções foram incorporadas para além de cidades dormitório (Ibid, p. 192). Exercendo a função na geografia urbana metropolitana de um importante “subcentro” no qual, desde então, pequenas indústrias foram se estabelecendo, além de um relevante centro comercial, devido ao dinamismo em suas estações ferroviárias, essa região tornou-se o “centro da área de expansão”.

A autora considera que a formação do subúrbio de Nova Iguaçu foi um processo bem mais complexo do que os responsáveis pela formação das cidades de São João do Meriti e Nilópolis, afinal, por serem municípios tão próximos da mancha urbana carioca, seriam capazes apenas de exercer a função de núcleos residenciais, enquanto que a distância da então Vila de Maxambomba para o Rio de Janeiro incentivava a formação de um subcentro bem mais dinâmico do ponto de vista imobiliário e comercial. Já na década de 1960 a autora classifica Nova Iguaçu como um subúrbio diversificado, contendo um centro urbano com edifícios comerciais importantes e com presença de advogados, médicos e outros serviços mais sofisticados em seu território (SEGADA SOARES, 1962, p. 225).

Apesar disso tudo, a metrópole fluminense sempre foi caracterizada como um território extremamente “macrocefálico” (DAVIDOVITCH, 2000), ou um “núcleo urbano hipertrofiado” (ABREU, 2013). A concentração de população, recursos e atividades no núcleo metropolitano sempre foi profunda, isso se explica dentre outros motivos pela cidade ter sido durante muito tempo a capital federal, e concentrar muitos investimentos estatais. Oliveira (2006, p. 09), por exemplo, afirma que a Região Metropolitana do Rio de Janeiro (RMRJ) é a metrópole mais concentradora do Brasil. Em 1991, 42,79% de toda a população do Estado do Rio de Janeiro habitava o município carioca, em 2000, embora esse número tenha diminuído,

chegando a 40,70%, ainda assim apresentou números expressivos. Nessas últimas décadas a tendência de diminuição persistiu: o núcleo metropolitano diminuiu um pouco mais sua concentração populacional chegando a 38,79% da população do estado (IBGE, 2021).

Simões (2011) entende que no começo de século XXI, a Baixada se tornou uma região de expansão econômica, que assumiu um importante papel na economia estadual, sendo, responsável por apresentar novas possibilidades de crescimento. Ao analisar as transformações econômicas sofridas pela região, Rodrigues (2014, p. 95) faz um levantamento dos investimentos que a Baixada recebeu nas últimas décadas. No setor industrial constata-se uma nítida concentração industrial em alguns municípios como Duque de Caxias, Nova Iguaçu e Queimados. Já o setor da construção civil foi estimulado a partir de importantes investimentos do governo federal (Caixa Econômica Federal) em melhorias nas condições de habitação e mobilidade em assentamentos precários (RODRIGUES, 2014, p. 110). Além disso, observa-se também a geração de empreendimentos imobiliários voltados para as altas camadas de renda, provocando inclusive uma alta valorização dos imóveis e ainda, a chegada de grandes redes hoteleiras e *shopping centers* na região (Ibid., p. 112).

Rocha (2015) analisa esse emergente mercado imobiliário na Baixada Fluminense como aquele que se instituiu no contexto de reestruturação econômica e urbana, e indica a participação de “um complexo número de agentes, [...] desde grandes incorporadoras e administradoras nacionais e internacionais, quanto pequenas e médias empreiteiras locais, imobiliárias locais, gestões municipais e proprietários fundiários” (ROCHA, 2015, p. 08). Todos esses investimentos e agentes citados fazem parte de uma “nova” fase no processo de produção espacial e impactam de alguma maneira a estrutura metropolitana.

Lago (2000; 2007), identifica sinais claros de um processo de heterogeneização da periferia metropolitana, para a autora essa região torna-se uma “nova fronteira de expansão do capital imobiliário e dos circuitos econômicos que o acompanham” (ibid). Vários municípios periféricos irão passar por processos de renovação urbana a partir dos anos 1990, e tanto condomínios de classe média alta, como shopping centers, passam a compor a paisagem de municípios da Baixada Fluminense. Uma nova classe média passa a concentrar-se nos núcleos em formação – principalmente em Nova Iguaçu - e o espaço metropolitano mantém-se dual, contudo, agora mais “fragmentado socialmente”. Para a autora (Lago, 2007) a nova espacialidade urbana fluminense é composta por: **a)** novos padrões de segregação, **b)** alterações

profundas nas relações de trabalho, pois a periferia também emerge como lugar de trabalho (ainda que sejam empregos menos qualificados que no núcleo), **c**) o surgimento de uma nova produção empresarial imobiliária na periferia, que historicamente, sempre foi marcada pelo predomínio dos loteamentos habitacionais populares.

Na dissertação de mestrado, onde discute a periferia metropolitana (Santos, 2007) afirma que novidades importantes vêm surgindo para podermos repensar o significado atrelado à periferia. A antiga realidade das cidades dormitório já foi bastante modificada. Para a autora, são três principais características que expressam essas mudanças: **a**) a complexificação das economias locais; **b**) a dotação de infraestrutura técnica-social nos distritos sedes dos municípios da Baixada, e **c**) a mudança na paisagem (principalmente na arquitetura residencial). Para a autora um novo e importante campo de pesquisa surge com essas mudanças: investigar as causas e consequências do processo em curso de heterogeneização socioespacial da periferia metropolitana. Quais seriam, portanto, as novas formas, e os novos conteúdos sociais, culturais e políticos dessa região?

A partir do exposto, entendemos que a estrutura metropolitana carioca tem sofrido alterações, isso é possível devido a maior complexificação e dinamismo de suas centralidades.

3. O SURGIMENTO DE NOVAS CENTRALIDADES NA PERIFERIA

Conforme trabalhado por Lefebvre (1999), a categoria centralidade contribui de forma decisiva para a compreensão do fenômeno urbano. Em síntese, “centralidade” demonstra capacidade de concentração, Lefebvre (1999, p. 111) compreende que essa é a essência do fenômeno urbano, sua capacidade de reunir tudo, afinal “a cidade atrai para si tudo o que nasce, da natureza e do trabalho, noutros lugares: frutos e objetos, produtos e produtores, obras e criações, atividades e situações” (Ibid). No entanto, o movimento de concentração também se enfraquece e se rompe, por isso, “É preciso então, um outro centro, uma periferia, um alhures” (Ibid., p. 112).

Nos Estados Unidos, em especial a partir do pós-guerra, a incorporação do automóvel como principal meio de transporte na vida urbana alterou a organização regional da vida cotidiana, gerando uma forma dispersa (GOTTDIENER, 2016, p. 14). Gottdiener (2016, p. 16) utiliza-se do termo desconcentração para descrever esse padrão de desenvolvimento polinucleado. Desse modo, explicita que o termo apreende a dispersão regional de pessoas,

comércio, indústrias e administração pública, além da reestruturação contemporânea de tais regiões em domínios multicentrados, ou seja, que passam a se apresentar “[...] esparramados por vários quilômetros e localizados em todo lugar do país especialmente naquelas áreas consideradas antigamente imunes ao desenvolvimento urbano” (Ibid., p. 19).

Clark (2000, p.145) identifica que a crescente expansão das grandes áreas metropolitanas levou necessariamente a uma dispersão de novos serviços, especialmente compras e serviços associados ao consumidor, como seguros, bancos e serviços médicos. O autor estuda a metrópole de *Los Angeles* e observa a tendência de crescimento da população e geração de empregos em seus subúrbios (*Edges cities*). Esses elementos vão culminar na face mais visível do processo de mudança estrutural da área metropolitana, que segundo Clark (200, p. 159) são os padrões de deslocamentos pendulares. Nesse contexto, verifica-se como resultado das modificações locacionais das atividades terciárias a policentralidade gerada por um crescimento espacialmente descentralizado e fluído.

Derivadas da descentralização, vemos surgir novas expressões da centralidade na metrópole policêntrica do século XXI. Reis (2007, p.222) sinaliza que o próprio sistema capitalista “(...) apresenta novas formas espaciais, novos dispositivos técnico-espaciais que cumprem e, efetivamente viabilizam, com maior precisão do que o núcleo da Área Central poderia, as demandas de sua lógica de reprodução na contemporaneidade”. Formas urbanas como *shopping centers* e condomínios fechados, por exemplo, são marcantes na produção espacial contemporânea pois articulam frações do capital (comercial, financeiro, imobiliário) permitindo a maximização dos lucros.

Todos os aspectos mencionados fazem parte do processo que tem condicionado e produzido a história urbana dos dias atuais que é a metropolização (LENCIONI, 2006, p. 48). Entendida não apenas por atingir espaços metropolizados, a metropolização refere-se a uma nova fase da urbanização, uma etapa “superior”, na qual, “Não se trata mais de criar cidades, de desenvolver a rede urbana ou a urbanização em sentido restrito; trata-se de desenvolver condições metropolitanas que são imprescindíveis para a reprodução do capital” (Ibid., p. 48).

Em resumo, esse processo ocasiona uma série de mudanças que resultam ao mesmo tempo em expansão da área metropolitana e em sua fragmentação. Forma-se um novo aglomerado metropolitano que se apresenta como um “verdadeiro epicentro de fluxos de capitais onde a densidade das redes territoriais encontra maior densidade e complexidade”

(Ibid., p. 142). Em oposição ao modelo anterior compacto, contínuo e funcionalmente dependente, a metrópole contemporânea apresenta descontinuidades espaciais, maior dispersão das atividades terciárias, áreas multifuncionais sustentadas por melhores sistemas de transporte e telecomunicações. Características que permitem redefinições das funções do núcleo metropolitano e consolidação de outras centralidades urbanas.

De acordo com Lencioni (2017, p. 53), o segredo do surgimento de tantas centralidades está mais na necessidade da reprodução do capital do setor imobiliário do que nas necessidades da cidade de desempenhar as funções de comércio e de serviços. Para a autora, a multicentralidade não é um produto das funções urbanas, mas dos investimentos imobiliários (Ibid., p. 53). Gerada então através do entrelaçamento entre o setor imobiliário e o financeiro, os *shopping centers* passam a ser elementos decisivos para a expansão metropolitana “Edifícios são construídos, verticaliza-se mais e mais a cidade e, ao mesmo tempo, se criam novas centralidades nas quais um dos ‘carros-chefes’ são os *shopping centers*” (Ibid., p. 68). Esses empreendimentos provocam diversas alterações espaciais na própria paisagem, no sistema viário, na estrutura comercial e nos hábitos de consumo da população.

3.1 Novos espaços de consumo

As décadas de 1970 e 1980 marcaram um período de intensa industrialização e posterior urbanização dos países periféricos, é também a época de chegada das grandes empresas multinacionais à procura por mercados consumidores na América Latina. Em um primeiro momento priorizaram as grandes cidades das regiões metropolitanas que concentravam o maior nível médio de renda e as condições infraestruturais adequadas. Entretanto, a necessidade de reduzir os custos da circulação e de aperfeiçoar a relação “produção-consumo” engendrou uma preocupação com a localização dos pontos de venda. A busca por uma eficiente distribuição e comercialização dos produtos que minimizasse as perdas e aumentasse a “produtividade” logística, impôs o ritmo da fábrica à cidade. Isto contribuiu para um acirramento da competitividade do setor comercial que repercutiu em uma busca por uma modernização do gerenciamento, pois “o capitalismo exigiu aos poucos: minimização dos gastos com circulação, ampliação da produção, aceleração da rotatividade do capital” (ORTIGOZA, 1996, p.41)

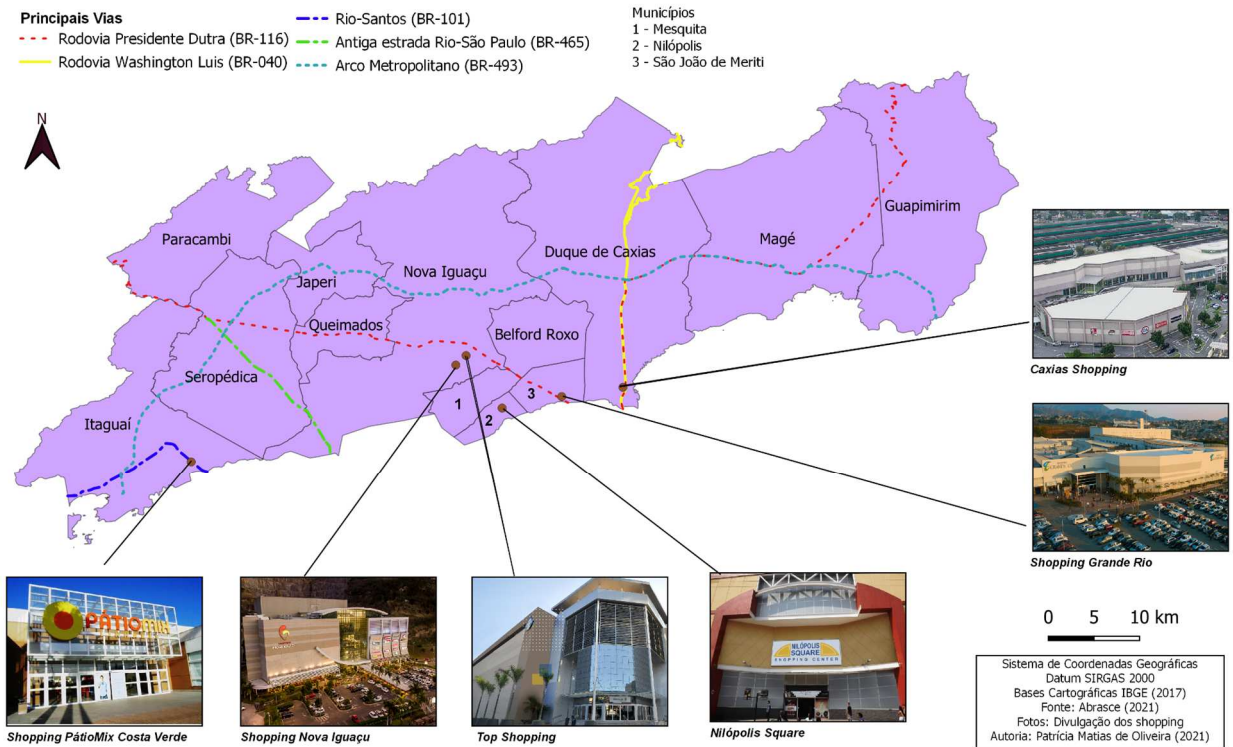
A partir deste momento histórico, observamos o “surgimento de espaços modernos voltados para as novas tendências de consumo” (ibid, p. 225) e novas formas comerciais importadas, sobretudo, dos Estados Unidos começam a aparecer nas cidades brasileiras como as *lojas de departamento, as galerias, os hipermercados, os shopping centers e as franquias*. Todas estas formas remodelam a paisagem urbana de alguma maneira, produzindo um novo jeito de consumir e introduzindo uma nova racionalidade ao setor comercial, além é claro, de produzir novas áreas com diferentes expressões de centralidades, redefinindo a estrutura urbana.

As lojas de departamento instituíram uma nova visualização comunicativa e sinalizadora; e um novo sistema de fazer compras, por serem lojas âncoras reforçaram a concentração de lojas na área central do comércio. As galerias foram as precursoras dos *shopping centers* e promovem a “expansão do centro ao próprio centro”. Os hipermercados são os símbolos de um processo de desnacionalização do comércio, onde as lojas adotam “modelos de distribuição totalmente importados” e junto ao *shopping centers* são símbolos da sociedade do automóvel gerando descontinuidades no espaço urbano ao se localizarem na margem de rodovias em lugares mais afastados (ORTIGOZA, 1996, p. 32 a 33). Todas estas novas formas comerciais contribuem de alguma maneira para o processo de desconcentração comercial e difusão de “lugares de consumo” pelo espaço urbano.

Recentemente as áreas periféricas receberam o incremento dos *shopping centers* dinamizando o mercado imobiliário e apresentando um novo padrão predominante de difusão de bens e serviços. O primeiro *shopping* a se instalar na Baixada Fluminense foi no ano de 1995 em São João de Meriti (Shopping Grande Rio) e desde então se estabeleceram mais alguns: Top-Shopping, em Nova Iguaçu (1996), Nilópolis Square, em Nilópolis (2000), Caxias Shopping, em Duque de Caxias (2008), Pátio Mix, em Itaguaí (2010), Shopping Nova Iguaçu, em Nova Iguaçu (2016). No mapa abaixo podemos identificar a localização desses empreendimentos próximos a importantes vias rodoviárias da região e, majoritariamente, em suas “bordas” :

Mapa 1. Localização dos *Shopping centers* na Baixada Fluminense - RJ

Shopping Centers na Baixada Fluminense - RJ (2021)



Para além de tudo que foi discutido em relação à disseminação de inúmeros símbolos de consumo, ainda podemos enxergar os *shopping centers* como responsáveis por conectar o território a partir dos fluxos, nele, se fixam tanto marcas de abrangência nacional como global que se conectam através das redes, filiais e franquias. Aqui, mais do que as movimentações diárias de consumidores e trabalhadores em direção ao empreendimento, temos fluxos de capitais e decisões gerenciais, e no caso dos franqueados, orientação e controle das tendências do negócio. As interações são possibilitadas cada vez mais pela tecnologia e aproximam a Baixada aos “nós” hierarquicamente mais importantes da rede.

3.2 Acesso a serviços bancários

A atratividade da Baixada Fluminense também pode ser medida através do acesso a serviços bancários. O período de relativo crescimento econômico brasileiro iniciado com o *boom* das *commodities* no período lulista, denominado por alguns autores de “neodesenvolvimentismo”, incorporou um número significativo de trabalhadores ao mercado

consumidor, e também ampliou o acesso ao crédito para as classes de renda mais baixa. A incorporação ao mercado de consumo trouxe a necessidade de materializar esse “fixo”. E podemos comprovar essa relação através do aumento no número de agências bancárias em nosso recorte de pesquisa. Nas últimas décadas, como veremos na tabela abaixo (tabela 1), podemos observar o grande volume de instalações de agências bancárias na Baixada Fluminense-RJ:

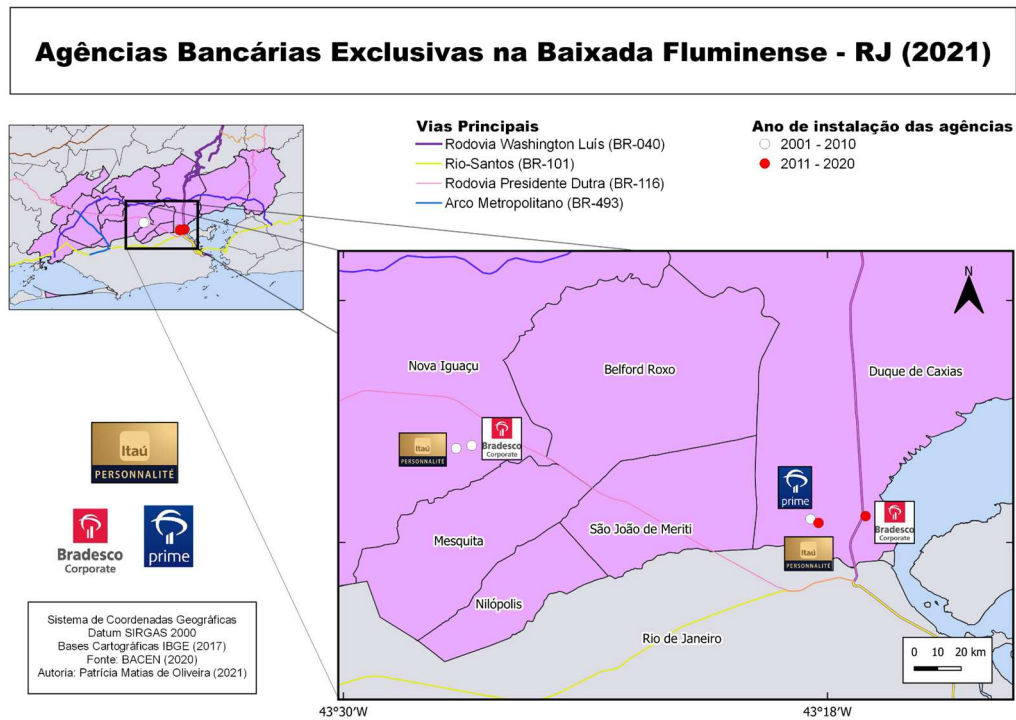
Tabela 1. Agências Bancárias nos municípios da Baixada Fluminense - RJ

Municípios	até 1990	1991-2000	2001-2010	2011-2020
Belford Roxo	1	3	7	3
Duque de Caxias	8	5	19	10
Guapimirim	1	0	1	1
Itaguaí	4	0	3	1
Japeri	0	0	2	1
Magé	3	1	6	2
Mesquita	1	0	5	0
Nilópolis	4	1	4	1
Nova Iguaçu	6	4	24	7
Paracambi	2	2	0	1
Queimados	1	2	4	1
São João de Meriti	5	2	8	2
Seropédica	0	0	4	1
Baixada Fluminense	36	20	87	31

Fonte: BANCO CENTRAL DO BRASIL - BACEN (2020)

Novamente é interessante pontuar que os bancos físicos dão suporte aos fluxos de capital, onde a população têm acesso a benefícios e produtos bancários como financiamentos, empréstimos, etc. No período de maior atratividade bancária, principalmente nos anos de 2001 a 2010, onde foram instaladas quase 90 agências, também chegaram agências exclusivas, ou seja, segmentadas pelo alto nível de renda. Essas agências costumam ter algumas exigências, o Itaú Personnalité, por exemplo, exige uma renda mensal média de R\$ 10 mil e investimentos superiores a R\$ 100 mil. A chegada dessas agências sinaliza a existência de diferentes estratos de renda contribuindo para pensar o processo de heterogeneização da periferia. No mapa abaixo (mapa 2), conseguimos ver a distribuição dessas agências:

Mapa 2. Localização das agências bancárias exclusivas na Baixada Fluminense - RJ



Como observado no mapa, as agências exclusivas se localizam nos municípios mais importantes da região: Duque de Caxias e Nova Iguaçu. Cabe ressaltar também, que hoje com o acesso bancário facilitado por meio de eletrônicos (internet e celular) muitas agências vêm passando por importantes reestruturações¹.

3.3 Sedes empresariais e filiais

Todos os “fixos” instalados na região possibilitam que novos fluxos se estabeleçam: fluxos de capital, trabalhadores, consumidores, etc. Na questão empresarial, podemos identificar a presença das sedes empresariais e capacidade de atração de filiais. A base de dados utilizada foi o Cadastro Central de Empresas (CEMPRE), na qual constam informações cadastrais e econômicas de empresas e outras organizações. Assim é possível estabelecer um critério mínimo de articulação da gestão nos níveis econômico e territorial, relacionado à quantidade de empresas e cidades articuladas (REGIC, 2020b, p.09).

¹ Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/economia/2022/05/grandes-bancos-fecharam-mais-de-mil-agencias-em-ano/>

Quadro 1. Variáveis utilizadas para composição da Gestão Empresarial

NÚMERO DE EMPRESAS	Controladoras	Contagem das empresas-sede oriundas do município listado, controladoras de filiais externas a este município, enumeradas em número de filiais controladas.
	Atraídas	Contagem das empresas-sede externas ao município listado, cujas filiais, enumeradas em número de filiais atraídas, estão alocadas neste município.
NÚMERO DE FILIAIS	Controladas	Contagem das filiais fora dos limites do município listado e, por conseguinte, das suas empresas-sede enumeradas em número de empresas controladoras.
	Atraídas	Contagem das filiais circunscritas ao município listado, controladas por empresas-sede externas ao mesmo, estas últimas, enumeradas em número de empresas atraídas.

Fonte: IBGE (2014, p. 75)

Além das informações acima, é possível ter noção dos municípios controlados e atraídos por cada município da Baixada, evidenciando a articulação territorial através das redes empresariais. Na tabela abaixo (tabela 2) podemos identificar as articulações empresariais em cada município da Baixada:

Tabela 2. Articulações empresariais da Baixada Fluminense (2014)

	Número de Empresas		Número de Estabelecimentos-filiais		Número de Municípios	
	Controladoras	Atraídas	Controlados	Atraídos	Controlados	Atraídos
Belford Roxo	59	88	75	110	20	25
Duque de Caxias	295	696	697	894	143	136
Guapimirim	16	33	21	34	10	15
Itaguaí	40	149	49	167	18	43
Japeri	5	24	6	27	5	11
Magé	52	99	78	124	25	36
Mesquita	16	46	26	50	15	16
Nilópolis	47	108	99	127	20	18
Nova Iguaçu	163	402	262	565	47	72
Paracambi	13	33	19	33	8	17
Queimados	22	76	26	85	12	29
São João de Meriti	165	241	465	306	43	49
Seropédica	14	39	17	43	8	18
TOTAL	907	2.034	1.840	2.565	374	485

Fonte: IBGE (2014)

As empresas que têm sedes em municípios da Baixada Fluminense estão identificadas como “controladoras”, demonstram a quantidade de empresas que escolheram ou “nasceram”

na região. O estabelecimento da sede de uma empresa, geralmente é influenciada pela infraestrutura ou

atributos como segurança, acessibilidade, vias asfaltadas e sinalizadas, proximidades de insumos ou mercado consumidor, entre outras. É desse local que se geram as decisões da empresa e se desenvolvem-se as relações com fornecedores, investidores, funcionários etc. De acordo com os dados do IBGE (2014), Duque de Caxias possui o maior número de empresas-sedes da Baixada Fluminense (295 sedes) . Número bem superior ao segundo lugar, São João de Meriti (165 sedes) e o terceiro, Nova Iguaçu (163 sedes). A região como um todo apresenta 907 sedes empresariais. Tratam-se de empresas que apresentam filiais externas ao município de origem e, como demonstra a tabela 2, “controlam” outros municípios, o que significa que decisões tomadas nessas sedes irão ser propagadas para as filiais, aqui são 374 municípios que recebem essa influência direta. Enquanto isso há conexão com 2.034 empresas-sedes (fora da Baixada).

Quando se fala de periferia ainda há mais filiais do que sedes, vemos que na região da Baixada encontram-se localizadas 2.565 filiais, desse montante 34,85% (894 filiais) estão em Duque de Caxias e 22,02% (565 filiais) estão em Nova Iguaçu, ou seja, apenas dois municípios concentram mais de 50% das filiais da região. Além disso, também temos o número de filiais “controlados” pelos municípios da Baixada, ou seja, que se localizam fora de seus limites mas se reportam às suas sedes (1.840 filiais).

Os dados da tabela se relacionam diretamente: empresas-sedes comandam filiais dentro dos limites de um município, assim causam impacto na empresa e também no município onde se localizam, por isso, que o estudo usa os termos “controladoras/controlados” ou “atraídas/atraídos”. São diferentes fluxos de dominação e submissão. Ao contrário do que se espera “normalmente” de uma periferia, a região também apresenta empresas-sedes, ou seja, empresas de onde saem decisões, isso nos ajuda a entender a complexidade que a periferia vem alcançando nos últimos tempos.

3.4 Assalariados externos e Serviços avançados de apoio às empresas

Outros dados interessantes para compor nossa análise estão na tabela abaixo (tabela 3), esses dados dizem respeito aos trabalhadores e suas relações dentro e fora dos limites

municipais. Identificam-se o número de trabalhadores externos geridos a partir de cada município e, no caminho inverso, conseguimos ter o percentual de trabalhadores que se reportam a empresas-sede em outros municípios. Além disso, apresentamos o percentual sobre a diversidade na oferta de serviços classificados como avançados de apoio às empresas:

Tabela 3. Relações entre os municípios da Baixada Fluminense e os assalariados externos (2014)

Municípios	Assalariados externos comandados pelo município	Percentual sobre o total de assalariados que se reportam a empresas-sede fora dos limites municipais ⁽²⁾	Percentual sobre a diversidade na oferta de serviços classificados como avançados de apoio às empresas
Belford Roxo	529	21,19%	42,22%
Duque de Caxias	25687	20,48%	60%
Guapimirim	278	22,52%	40%
Itaguaí	394	42,9%	28,89%
Japeri	101	18,2%	15,56%
Magé	884	22,61%	44,44%
Mesquita	609	13,59%	28,89%
Nilópolis	828	19,25%	35,56%
Nova Iguaçu	4077	17,9%	57,78%
Paracambi	1084	6,02%	26,67%
Queimados	114	51,11%	22,22%
São João de Meriti	19859	17,24%	51,11%
Seropédica	73	30,44%	13,33%
TOTAL	54.517	-	-

Fonte: IBGE/DPE/GCC/Cadastro CEMPRE (2014)

A partir dessa tabela, podemos destacar as localidades empregadoras da região, sob o enfoque do total de trabalhadores geridos, com o pressuposto de que estes colaboradores estão lotados em filiais situadas fora do limites municipais de suas matrizes. O município com maior função dirigente é Duque de Caxias que mantém 25.697 trabalhadores que se reportam às empresas-sedes localizadas dentro de seus limites municipais. Um volume bem grande de trabalhadores, inclusive maior que a população de muitos municípios brasileiros. Considerando o percentual que se reporta a empresas-sede fora dos limites municipais, os maiores percentuais são de Queimados (51,11%), Itaguaí (42,9%) e Seropédica (30,44%). Isso significa, no caso de

² “O total dos assalariados externos não considera aqueles lotados em empresas da administração pública, entidades empresariais sem fins lucrativos, pessoas físicas com CNPJ e organizações internacionais e outras instituições extraterritoriais” (IBGE, 2014).

Queimados, que mais da metade de seus trabalhadores estão sujeitos a decisões que são tomadas fora de seu município.

Sobre os serviços classificados como avançados³ de apoio às empresas, são aqueles ligados a atividades que requerem insumos de natureza administrativa, contábil, jurídica, financeira e de publicidade. Geralmente atividades voltadas às empresas vinculadas aos circuitos econômicos superiores. Pensando em municípios-núcleos das Metrôpoles como São Paulo (SP) e Rio de Janeiro (RJ), por exemplo, apresentam altos percentuais, ambos apresentando 97,8% (IBGE, 2014, p. 98). Na região da Baixada, o destaque vai para Duque de Caxias (60%), seguido de Nova Iguaçu (57,78%) e, São João de Meriti (51,11%)

Embora esses serviços geralmente se estabeleçam no núcleo metropolitano, no qual encontram-se os maiores centros de pesquisa, universidades, empresas de consultoria, além da população com maior nível de escolaridade e serviços mais especializados, a periferia metropolitana começa a abrigar esse tipo de serviço avançado. É a demonstração de como dito anteriormente, a centralidade após estabelecida está sempre destinada a sofrer dispersão. (LEFEBVRE, 1999)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo central deste trabalho é compreender o surgimento de novas centralidades na periferia metropolitana e as funções que ela passa a exercer no conjunto metropolitano. Diante das significativas mudanças que ocorreram na região nas últimas décadas, devemos nos perguntar: Quais seriam as novas formas, e os novos conteúdos sociais, culturais e políticos oriundos dessa transformação? Investigar o surgimento de novos espaços de consumo, a chegada de agências bancárias, a instalação de empresas sedes e por fim, a consolidação de serviços avançados na região nos ajuda a compreender esse novo espaço urbano complexo e ressignificado. A interpretação tradicional da periferia metropolitana como lugar exclusivo de moradia da classe trabalhadora - as ditas cidades dormitório- não dá conta dessa nova realidade que se apresenta.

³ O IBGE na publicação “Redes e Fluxos no território: gestão do território (2014) utiliza a CNAE (Classificação Nacional das atividades econômicas) para definir quais são os serviços avançados de apoio a empresa. Essas atividades vão de “desenvolvimento de programas de computador sob encomenda” à “agências de notícias”. Para ver a lista completa consultar IBGE (2014, p.23).

Apesar de ainda herdar um alto índice de concentração urbana, a metrópole carioca demonstra apresentar processos incipientes de dispersão e desconcentração urbana. Municípios como Nova Iguaçu e Duque de Caxias, por exemplo, passam a apresentar características bem distintas das tradicionalmente designadas à região da Baixada Fluminense. Transformam-se em lugares atrativos para a expansão do capital imobiliário através da chegada de *shopping-centers* e condomínios residenciais de classe média, tornam-se sedes de empresas e oferecem serviços financeiros mais sofisticados. A região passa a ser permeada por fluxos que não são apenas de submissão, mas são de comando também, os dados mostram atividades e interações espaciais que são novidades para essas áreas e confirmam a ressignificação da periferia urbana.

REFERÊNCIAS

ABREU, Mauricio de Almeida. *Evolução urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Editora IPP, 2013.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. A metrópole polifônica – poliorâmica. In: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (org.). *Urbanização e cidades: perspectivas geográficas*. Presidente Prudente: GAsPERR/UNESP, 2001, p. 59-72.

CASTELLS, Manuel. **A questão urbana**. Tradução: Arlene Caetano – 6ª ed. - São Paulo: Paz e Terra, 2014. (Coleção Pensamento Crítico; v. 48).

CASTELLS, Manuel. Espaço de Fluxos. In: **A sociedade em rede**. 21ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2013, p. 463-512.

CLARK, WILLIAM A. V. Monocentric and Policentric: New Urban Forms and Old Urban Paradigms. In: Gary Bridge e Sophie Watson (ed.). *A Companion to the City*. Blackwell, Londres e Nova York, 2002. 1 ed

DAVIDOVICH, Fany. Estado do Rio de Janeiro: Singularidade de um contexto territorial. *Revista Território, LAGET-UFRJ*, Ano V, nº9, pp 11-24. jul/dez, 2000.

DAVIDOVICH, Fany. Metrópole e território: metropolização do espaço no Rio de Janeiro. *Cadernos Metrópole*. Nº 6, pp. 67-77, 2º sem. 2001.

GOTTDIENER, Mark. *A Produção Social do Espaço Urbano*. 2ª ed.2. reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2016.

GOTTMANN, Jean. *Megalopolis: The Urbanized Northeastern Seaboard of the United States*. New York. The Twentieth Century Fund XI 810 p. 1961.

IBGE. *Gestão do território: Redes e fluxos do território*. Rio de Janeiro. IBGE, 2014.

LAGO, Luciana Corrêa. A "periferia" metropolitana como lugar do trabalho: da cidade-dormitório à cidade plena. In: *Cadernos IPPUR/UF RJ* - Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Ano XXI, nº 2, p. 9 – 28, agosto 2007.

LAGO, Luciana Corrêa. A nova lógica segregadora na metrópole brasileira: novas teses sobre antigos processos In: *Cadernos IPPUR* Ano XVI, nº 1, p. 155 – 175, jan – jul 2002.

LEFEBVRE, Henri.. *A Revolução Urbana*. – Ed. UFMG, 3ª reimpressão [1999], 2008.

LENCIONI, Sandra. *Metrópole, Metropolização e Regionalização*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2017.

_____. Concentração e centralização das atividades urbanas: uma perspectiva multiescalar. In: *Revista de Geografia Norte Grande*, n 39. Santiago. Maio de 2008.

_____. Reconhecimento metrópoles: território e sociedade. In: *Metrópole: governo, sociedade e território*. Cátia Antonia da Silva, Désirée Guichard Freire, Floriano José Godinho de Oliveira (Orgs.) – Rio de Janeiro : DP&A: Faperj, 2006.

OLIVEIRA, Floriano José Godinho de. Mudanças no espaço metropolitano: novas centralidades e dinâmicas espaciais na metrópole fluminense In: SILVA, C; FREIRE, D; OLIVEIRA, F. G. (org). *Metrópole: governo, sociedade e território*. Rio de Janeiro: DP&A: 2006.

OLIVEIRA, Floriano José Godinho. *Reestruturação Produtiva e regionalização da economia no território fluminense*. Universidade de São Paulo (Tese de doutorado) São Paulo, 2003.

ORTIGOZA, Silvia Aparecida Guarnieri. *As franquias e as novas estratégias do comércio urbano no Brasil*. 199f. Dissertação (Mestrado em Geografia). IGCE/UNESP, Rio Claro, 1996.

REIS, Luis Carlos Tosta. dos. *Descentralização e desdobramento do Núcleo central de negócios na cidade capitalista: estudo comparativo entre Campo Grande e Praia do Canto na Grande Vitória-ES*. Universidade Federal do Rio de Janeiro (Tese de Doutorado) Rio de Janeiro, 2007.

ROCHA, André S. Os efeitos da reestruturação econômica metropolitana na Baixada Fluminense: Apontamentos sobre o “novo” mercado imobiliário da região. In: *Espaço e Economia*. ° Ano 3, Nº 6, 2015. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/espacoeconomia/1677>> Acesso em jul 2020.

RODRIGUES, Adrianno Oliveira. *Baixada Fluminense: inovações e permanências / Tese (doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional*, 2014.

SANTOS, Roselaine Oliveira dos. *Discutindo as Periferias Metropolitanas: Um Enfoque na heterogeneização sócio-espacial no Município de Nova Iguaçu*. Dissertação de Mestrado - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Rio de Janeiro, 2007.

SASSEN, Saskia. *The global city: New York, London, Tokyo* / Saskia Sassen. p. em. Includes bibliographical references and index. ISBN 0-691-07866-1

SIMÕES, Manoel Ricardo. *Ambiente e Sociedade na Baixada Fluminense*. Mesquita: Entorno, 2011.

SOARES, Maria *Teresinha de Segada*. “Nova Iguaçu: absorção de uma célula urbana pelo Grande Rio de Janeiro”. In: *Revista Brasileira de Geografia*. Rio de Janeiro: IBGE, vol2, n24, 1962

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. *O chão em pedaços: Urbanização, Economia e Cidades no estado de São Paulo*. Tese (Livre Docência) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências Tecnologia. Presidente Prudente: [s.n], 2004. a 508 p. : il.

VELTZ, Pierre. Hierarquias e redes. In: BENKO, G.; LIPIETZ, A. *As regiões Ganhadoras: Os novos paradigmas da geografia econômica*. Oeiras, Celta Editora, 1992, p. 189 a 203.